A não presença em "Na terceira pessoa", de Mia Couto: um estudo enunciativo

Claudia Toldo* Raquel Aparecida Cesar da Silva**

Resumo

O obietivo desta reflexão é propor uma leitura enunciativa de um dos contos de Mia Couto, publicado no livro Na berma de nenhuma estrada. Com pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação, segundo Émile Benveniste, apresentados, principalmente, em sua obra Problemas de linguística geral I (2005), este trabalho discute a subjetividade na linguagem e as categorias de pessoa e não pessoa no conto Na terceira pessoa, que narra a história de Dona Salima. uma mulher que trata o marido na terceira pessoa, confidenciando a um "tu" imaginário as desilusões provocadas por um "ele" infiel e opressor. Partindo desse pressuposto, e considerando as oposições verificadas por Benveniste entre primeira e segunda pessoas, bem como entre essas e a terceira pessoa, numa situação enunciativa, propomos uma análise linguístico-enunciativa do conto, sublinhando a subjetividade e a intersubjetividade, as categorias de pessoa e não pessoa e suas implicações na construção de sentido no conto de Mia Couto. Os procedimentos metodológicos adotados consistem no exame das marcas linguísticas deixadas pelo autor, exemplificando, na análise proposta, que, para se tornar uma pessoa, a personagem feminina, ao se enunciar, impessoaliza o marido, transformando-o em uma não presença, passível de ser ignorada e, até mesmo, destruída.

Palavras-chave: Enunciação. Subjetividade. Intersubjetividade. Não pessoa. Conto.

Data de submissão: mar. 2017 – Data de aceite: mar. 2017 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i1.6837

Professora de Língua Portuguesa do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – mestrado e doutorado na mesma universidade. Realiza pesquisas em Teorias da Enunciação, principalmente, estuda as reflexões teóricas de Émile Benveniste. Pesquisadora CNPq. E-mail: claudiast@upf.br

^{**} Doutoranda em Letras na Universidade de Passo Fundo (bolsista Capes). Atua, principalmente, em pesquisas relacionadas aos seguintes temas: contexto histórico, identidade cultural, diálogo interartes e paisagem e alteridade em literaturas lusófonas contemporâneas, com ênfase nas africanas. E-mail: raquelcesar77@ gmail.com

Introdução

Em um artigo publicado no Brasil em 2013, o pesquisador e poeta francês Michel Collot (2013, p. 226) lembra que a teoria da enunciação de Émile Benveniste estabeleceu uma distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação¹ e evidenciou a diferença que existe entre os pronomes ditos pessoais e os demais signos linguísticos. Para Collot, nesse mesmo estudo, a constatação benvenistiana de que o pronome da primeira pessoa não designa senão o locutor em cada situação de comunicação específica na qual ele se insere impede que se encerre o sujeito da enunciação em uma identidade fixa, abrindo-o para a mutabilidade e para a alteridade. Valdir Flores (2013a, p. 88), em seu livro Introdução à teoria enunciativa de Benveniste, destaca a distinção que os estudos benvenistianos estabelecem entre pessoa e não pessoa da enunciação, dando destaque à enunciação e ao seu sujeito. O pesquisador, mais uma vez, debruça-se sobre este termo e conceito - enunciação - e traz duas nocões: uma teórica, com uma formulação axiomática: "é universal que todas as línguas tenham dispositivos que permitam um uso singular" e outra descritiva: "relativa à análise dos fatos de língua" (2013b, p. 114-115). Essas reflexões nos ajudam a entender o que significa e o que diz Benveniste acerca de o sujeito apropriar-se do sistema da língua e enunciar-se.

Partindo desse pressuposto, e considerando as oposições verificadas por Benveniste entre primeira e segunda pessoas, bem como entre essas e a terceira pessoa numa situação enunciativa, propomos, neste trabalho, um estudo enunciativo de um conto de autoria de Mia Couto por meio dos pressupostos teóricos de Benveniste (2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2006a, 2006b) acerca da subjetividade na linguagem e das categorias de pessoa e não pessoa. Para o teórico francês, o "ele" da enunciação não é jamais proposto como pessoa justamente porque o pronome, em si, não designa, de maneira específica, nada nem ninguém, enquanto "eu" e "tu", embora só tenham existência "na medida em que são atualizados na instância de discurso", participam ativamente do momento único e irrepetível da enunciação, e situam o "ele" fora da elocução, na condição de não pessoa ([1956] 2005c, [1958] 2005d). Essa instituição, ou não, do sujeito no discurso é o que nos interessa nesta reflexão que ora apresentamos, destacando a construção, ou não, da subjetividade e da intersubjetividade.

Para isso, e a despeito do grande número de textos nos quais Benveniste explora as categorias de pessoa/não pessoa, escolhemos como base teórica de nosso percurso analítico os artigos "Estrutura das relações de pessoa no verbo" ([1946] 2005b), "Da subjetividade na linguagem" (2005d) e "A linguagem a experiência humana" ([1965] 2006a). Nos dois primeiros, publicados em *Pro-*

blemas de linguística geral I, o teórico traca um percurso conceitual que resulta na constatação primordial de que é se dirigindo a um "tu", no ato irrepetível da enunciação, que o "eu" se constitui, de fato, como sujeito, e ressalta a diferenciação, já estabelecida previamente, entre pessoa e não pessoa na instância enunciativa. O terceiro artigo, publicado em Problemas de linguística geral II, explora aquilo que Benveniste (2006a, p. 75) distingue, entre noções distintas de tempo, como o "tempo específico da língua", que nada mais é do que a atualização espaço-temporal promovida pelo locutor no momento em que este se enuncia. A experiência humana do tempo, para o teórico francês, manifesta-se pela língua.

O corpus de análise foi retirado do livro Na berma de nenhuma estrada, de Mia Couto, publicado no Brasil em 2015. No conto "Na terceira pessoa", o autor mocambicano narra a história de Dona Salima, uma mulher que trata o marido na terceira pessoa, confidenciando a um "tu" imaginário as desilusões provocadas por um "ele" infiel e opressor. Por meio do exame das marcas linguísticas deixadas pelo autor, é possível verificar o lugar enunciativo ocupado pela personagem feminina e o modo como, por meio de sua enunciação, ela impessoaliza o marido, transformando-o numa não presença, passível de ser ignorada e, até mesmo, destruída.

O estudo proposto está organizado em três seções: a primeira teórica, na qual apresentamos e discutimos os conceitos benvenistianos; a segunda de análise, na qual a obra de Mia Couto é examinada à luz da perspectiva teórica delimitada; e a terceira, que finaliza o trabalho, na qual apresentamos algumas conclusões e possíveis estudos a serem desenvolvidos por meio da teoria de Benveniste. Por fim, trazemos, como anexo, o conto completo.

Com o trabalho aqui introduzido pretendemos, mais do que analisar um objeto literário a partir de conceitos provenientes da teoria enunciativa de Benveniste, explorar ideias que permitam ampliar o arcabouço teórico-metodológico de que se valem os pesquisadores das literaturas de expressão portuguesa. Assim, propomos não somente a análise linguística de um *corpus* literário, mas também, e principalmente, a realização de uma análise literária por meio de conceitos provenientes da linguística da enunciação.

Um estudo enunciativo

Nesta seção, queremos trazer à reflexão conceitos relativos à teoria da enunciação que vão nos auxiliar neste estudo, bem como na análise possível (sempre incompleta) que propomos do texto literário selecionado. Na perspectiva de Émile Benveniste, a língua, enquanto sistema, expressa o que queremos dizer, transformando-se em linguagem e, por que não dizer, em "pura" literatura. Benveniste ([1958] 2005a, p. 69) afirma que a língua se organiza como uma gran-

de estrutura, portadora de estruturas menores e de muitos níveis, que "dá a sua forma ao conteúdo de pensamento". Esse conteúdo, ao ser enunciado, recebe forma – transformando-se de pensamento em linguagem. Assim, as formas da língua são a condição de realização do pensamento, já que é praticamente impossível, pelo menos até hoje, afirmar que o pensamento exista sem a língua. É desse pensamento, transformado em literatura, que queremos tratar. Esse será nosso objeto de análise à luz dos pressupostos teóricos da teoria enunciativa, segundo Émile Benveniste, a partir dos textos selecionados já anunciados.

O domínio da subjetividade e o tempo da língua

Para Valdir Flores (2013a, p. 97), o fato de o texto "Da subjetividade na linguagem" ter sido publicado, em 1958, em um periódico de psicologia oferece um testemunho de sua importância e originalidade, bem como de sua "vocação interdisciplinar". Uma das, ainda nas palavras de Flores, "diferentes leituras" proporcionadas pela reflexão de Benveniste é a constatação primordial, de base psicológica, fenomenológica e, a partir das afirmações do teórico francês, também linguística, de que o eu só pode adquirir existência no espaço de interação com o outro, de que o "eu" só se constitui como "eu" no momento em que assim se denomina, dirigindo-se a um "tu". É dessa maneira que procuraremos observar, nesta seção, os textos de Benveniste que tratam da subjetividade na linguagem.

Benveniste (2005d, p. 284) inicia a reflexão que propõe em "Da subjetividade na linguagem" questionando a natureza das propriedades que levaram a linguagem a ser entendida como um instrumento de comunicação, apontando, em seguida, as duas justificativas que surgem, de maneira sucessiva, no "espírito": o fato de que os homens não encontraram meio tão eficaz de se comunicar e de que "a linguagem apresenta disposições tais que a tornam apta a servir de instrumento" para a transmissão de algo capaz de provocar no interlocutor uma reação adequada ou conforme.

De acordo com Benveniste (2005d, p. 284-285), no entanto, a noção de linguagem como instrumento se assemelharia a uma concepção behaviorista pautada em "estímulo e resposta". Assim, a transmissão que caberia ao instrumento linguagem poderia ser desempenhada por meios não linguísticos, tais como gestos e mímicas ou, ainda, por processos posteriores à linguagem e que lhe mimetizam o funcionamento, como os sistemas de sinais.

Seguindo sua reflexão, o teórico francês afirma que falar da linguagem como instrumento "é pôr em oposição o homem e a natureza", uma vez que a linguagem, ao contrário da picareta, da flecha ou da roda, está na natureza do homem, não foi fabricada por ele. Para Benveniste, aceita-se com demasiada facilidade a ficção que consiste em perceber a linguagem como a descoberta (ou elaboração) de dois homens completos, e posterior a esse processo de completude:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (2005d, p. 285).

Quando menciona, em seguida, a palavra como sendo a atualização da linguagem, Benveniste diz que, na prática cotidiana, a palavra parece assumir um caráter instrumental, de algo passível de ser trocado, mas que a capacidade de comunicação reside na evidência, paradoxalmente pouco visível, de que é

[...] na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de "ego" (2005d, p. 286, grifos do autor).

Se é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo, esse ato é indissociável da própria concepção de homem. Segundo o linguista (2005d, p. 285-286), a subjetividade de que trata seu texto nada mais é do que "a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito'", e essa capacidade se define como uma unidade psíquica capaz de transcender a totalidade das experiências de vida e de assegurar a permanência da consciência. A subjetividade, assim, é o "ego" que diz ego. Para Benveniste, essa propriedade fundamental da linguagem

é igualmente o fundamento da subjetividade, "que se determina pelo status linguístico da 'pessoa".

Ao afirmar que "a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste", Benveniste (2005d, p. 286) faz referência ao fato de que o emprego de um "eu" exige a existência de um "tu" a quem o primeiro se dirige:

Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade — que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior "a mim", torna-se o meu eco — ao qual digo tu e que me diz tu (2005d, p. 286, grifos do autor).

A possibilidade de alternância ou reciprocidade - que o "eu" se torne "tu" na alocução daquele que agora se designa como "eu" - comprova que a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, como o "eu" de seu discurso. Nesse sentido, a polaridade fundamental do processo de comunicação não significa nem igualdade nem simetria, pois, para o teórico, embora o ego tenha sempre uma posição de transcendência em relação ao "tu", os termos são complementares e reversíveis entre si. Em "A linguagem e a experiência humana", encontramos a seguinte asserção:

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto eu por oposição a tu e ele. Este comportamento será julgado "instintivo"; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador eu a ele-mesmo que fala. Ora, este ato de discurso que enuncia eu aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos (2006a, p. 68, grifos do autor).

Embora seja possível considerar a instauração de um "tu" a partir de um "eu" que se enuncia como algo instintivo, Benveniste ressalta que se trata, na verdade, de uma estrutura inerente ao discurso, sem a qual o domínio da subjetividade estaria comprometido e a linguagem não seria possível. Ao se dirigir ao "tu", o locutor denomina-se como "eu", e esse ato enunciativo será sempre novo para aquele que o enuncia, mesmo que se repita, porque estará instaurado em um momento novo do tempo e em uma nova "textura de circunstâncias e discursos".

Quando Benveniste (2005d, p. 287-288) direciona seu pensamento para os fatos da linguagem e, de maneira mais específica, para os fatos das línguas particulares, ele o faz de modo a comprovar o fundamento linguístico da subjetividade, lembrando que entre os signos de uma língua, qualquer que seja ela, não faltam jamais os pronomes pessoais, pois sem expressão da pessoa, uma língua é inconcebível.

Mais do que uma alusão à dicotomia saussuriana língua e fala (SAUSSURE. 2006), a asserção de Benveniste ressalta a verdadeira natureza do pronome "eu", que, diferentemente dos demais signos. "tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal" no momento irrepetível da enunciação. O "eu" não se refere a um conceito global, capaz de abarcar todos os "eu" que se enunciam a todo instante. do mesmo modo que não pode identificar determinado indivíduo em sua particularidade. O "eu" só pode ser identificado na instância do discurso, na qual o locutor pode se enunciar como sujeito e oferecer um "testemunho objetivo" de sua própria identidade (BENVENISTE, 2005d, p. 288). É nessa singularidade que o locutor se propõe como sujeito e a possibilidade do sentido se concretiza no tempo em que se fala.

Para Benveniste (2005d, p. 288-289), os indicadores de temporalidade, quaisquer que sejam eles, definem-se sempre em dependência desse "eu" que se enuncia na instância discursiva. Em "A linguagem e a experiência humana", Benveniste (2006a, p. 74) explora as categorias de pessoa e tempo. Nesse texto, datado de 1965, o teórico distingue, entre noções distintas de tempo – o tempo físico e o tempo crônico –, o "tempo específico da língua", que nada mais é do que a atualização espaço-temporal promovida pelo locutor no momento em que este se enuncia. A experiência humana do tempo, para o teórico francês, manifesta-se

pela língua e em função do momento enunciativo: "O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de se estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso". Benveniste (2006a, p. 77-78) lembra que, se concordamos que o ato de fala é individual e irrepetível, a temporalidade linguística deveria ser entendida como algo irremediavelmente subjetivo, radicalmente submetido à interioridade do locutor e impossível de ser transmitida enunciativamente. Porém, o teórico ressalta que esse é um argumento falso, porque:

[...] a temporalidade que é minha quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu "hoje" se converte em seu "hoje", ainda que ele não o tenha instaurado em seu próprio discurso, e meu "ontem" em seu "ontem". Reciprocamente, quando ele falar em resposta, eu converterei, tornando-me receptor, sua temporalidade na minha (2006a, p. 77).

Considerando a reversibilidade do par eu-tu, a temporalidade linguística funciona no espaço enunciativo da troca e não pode ser reduzida a uma "subjetividade solipsista", que excluiria o outro de uma equação dentro da qual ele é componente essencial. Se as formas linguísticas que exprimem o tempo são as que melhor revelam a subjetividade, a manifestação da temporalidade como fator de intersubjetividade na troca discursiva é a condição primordial para a comunicação linguística (BENVENISTE, 2006a), que está ligada ao exercício da fala. Trata-se de um tempo do discurso. Ressaltamos que tempo e pessoa são duas categorias

indissociáveis na constituição do discurso, conforme ensina Benveniste, no texto "A linguagem e a experiência humana", ao considerá-las "duas categorias fundamentais do discurso, aliás necessariamente ligadas, a de pessoa e a de tempo" (2006a. p. 68). Isso evidencia as duas categorias para a configuração da linguagem em discurso: a de pessoa e a de tempo. O discurso somente se instaura no momento em que o sujeito que fala emprega o pronome *eu* para referir-se a si próprio e ao tu em um aqui e agora. Essa instauração do sujeito na linguagem, através da categoria de pessoa, é a condição mesma do discurso. Condição esta que possibilita o sentido que lhe é próprio.

O lugar da não pessoa

A partir do esclarecimento acerca do domínio da subjetividade na enunciação, é possível verificar a forma pronominal da terceira pessoa, que, para a linguística da enunciação, não está no mesmo plano que as duas primeiras. Em "Estrutura das relações de pessoa no verbo", texto de 1946, Benveniste adota as definições utilizadas pelos gramáticos árabes sobre as pessoas da enunciação para embasar a afirmação de que a terceira pessoa exprime, em verdade, a não presença, a não pessoa:

A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma "pessoa" específica. O elemento variável e propriamente "pessoal" dessas denominações falta aqui. É bem o "ausente" dos gramáticos árabes (2005b, p. 250).

Para explicar a afirmação de que, em virtude de sua própria estrutura, a terceira pessoa é a forma não pessoal da flexão verbal, Benveniste (2005b, p. 252-253) retoma a discussão, segundo ele, estéril "enquanto se persistir em confundir 'pessoa' e 'sujeito", da impessoalização. Para o teórico, na forma it rains (chove). em inglês, por exemplo, há apenas a descrição de um fato que se desenvolve fora das categorias de "eu" e "tu", as únicas que indicam pessoa. Quando menciona que na impessoalização não há "aférese de pessoa", e sim a simples ausência de "eu" e "tu". Benveniste ressalta o fato de que, uma vez que não indica nenhuma pessoa em específico, a utilização da forma do que se denomina como terceira pessoa "pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum", e que esse sujeito não é jamais proposto como pessoa. Impessoalizar, nesse sentido, equivale, em verdade, a subtrair completamente a categoria de pessoa ao verbo.

Benveniste (2005b, p. 253) afirma que é possível observar, além do fato de que o "ele" – ou a terceira pessoa – "é a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente", dois outros indícios básicos de que as três pessoas não apresentam a mesma envergadura enunciativa. O primeiro diz respeito ao fato de que "eu" e "tu" são únicos e específicos em cada situação enunciativa, enquanto o "ele" pode aludir a uma infinidade de sujeitos; já o segundo "consiste em que 'eu' e 'tu' são inversíveis entre si, numa relação que não pode incluir o 'ele", uma vez que este

"não designa especificamente nada nem ninguém". Para Benveniste (2005b, p. 254), esse lugar particular ocupado pela terceira pessoa pode explicar o fato de esta possuir a "capacidade de se tornar igualmente bem uma forma de respeito que faz de um ser muito mais que uma pessoa", como na utilização da expressão majestade, por exemplo, ou "uma forma de ultraje", utilizada para anular a presença de alguém, anulando-o, também, consequentemente, como pessoa.

A partir disso, Benveniste (2005b, p. 254-255) encaminha sua significativa contribuição, em texto de 1946, que é o estabelecimento dos conceitos de "correlação de personalidade"² e correlação de subjetividade. A primeira correlação diz respeito à constatação primeira de que o par "eu-tu" possui a marca de pessoa, enquanto a forma "ele" é destituída dessa marca. Porém, essa não é a única diferenciação que pode ser verificada, pois, entre a "pessoa eu" e a "pessoa não eu", há uma oposição importante para que se possa compreender como funciona a mecânica básica da enunciação. De acordo com o teórico francês,

Quando saio de "mim" para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um "tu" que é, fora de mim, a única "pessoa imaginável". Essas qualidades de interioridade e de transcendência pertencem particularmente ao "eu" e se invertem em "tu". Poder-se-á, então, definir o tu como a pessoa não subjetiva, em face da pessoa subjetiva que eu representa; e essas duas "pessoas" se oporão juntas à forma de "não pessoa (= ele) (2005b, p. 254-255, grifos do autor).

Embora Benveniste (2005b, p. 255) afirme que a qualidade de "transcendência", que pertence quase sempre ao "eu", reafirme a diferença que consiste no fato de que o "eu" é "interior ao enunciado e exterior a 'tu", isso, de acordo com o teórico, não compromete o que ele designa como a realidade humana do diálogo. E é preciso lembrar, ainda, que tanto a "interioridade" quanto a "transcendência" são reclamadas pelo "tu" no momento exato em que este se converte em "eu" da enunciação. Nesse sentido, a inversão de "eu" e tu" opera dentro do que Benveniste chama de correlação de subjetividade e estabelece definitivamente o desnivelamento verificado entre as três "pessoas" da enunciação.

"Eu" e "tu", embora se oponham mutuamente como subjetivo-objetivo no momento da enunciação, fazem parte da noção de pessoa e, dessa maneira, opõem-se, juntos, à forma de não pessoa. A essa "correlação especial", Benveniste (2005b, p. 255) denomina "correlação de subjetividade". Em "Estrutura da língua e estrutura da sociedade", reflexão feita em 1968, Benveniste reafirma (2006b, p. 101) a importância das duas "correlações" verificadas, afirmando que enquanto "a oposição 'eu-tu', é uma estrutura de alocução pessoal que é exclusivamente inter-humana", a oposição "eu-tu"-"ele", pessoa/não pessoa, "fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é alocução". Para Benveniste, a própria língua assegura esse duplo

funcionamento – subjetivo e referencial – da língua.

Tal oposição pode ser mais bem compreendida por meio da leitura do texto "Da subjetividade na linguagem", no qual Benveniste (2005d, p. 290), lançando mão de alguns exemplos da língua francesa, procura exemplificar a afirmação de que a subjetividade na linguagem cria a categoria de pessoa. Ao opor je sens a je crois (que le temps va changer), por exemplo, o teórico afirma que, se na primeira situação eu descrevo uma impressão que me afeta (eu sinto), a segunda situação equivale a uma afirmação atenuada, a uma subjetivação (eu creio) da verdadeira proposição, do fato, afirmado de maneira impessoal, de que o tempo vai mudar.

Encaminhando-se para o final desse mesmo texto, Benveniste (2005d, p. 292-293) recupera verbos que denotam, pelo seu sentido, um ato individual de alcance social e tornam patente a diferença entre a enunciação subjetiva e a enunciação não subjetiva. Ao enunciar je jure, eu vinculo meu Ego à realidade de um juramento e me disponho a lidar com as consequências que se desenrolam a partir da instância de discurso em que fiz esse juramento. "A enunciação identifica-se com o próprio ato". O mesmo não acontece com il jure, que nada mais é do que a descrição de um ato colocado fora da pessoa. Eu digo ele jura da mesma maneira que digo ele corre. Essa variação de valores em torno de um mesmo verbo é "uma consequência do fato de que a própria instância de discurso que contém o verbo apresenta o ato, ao mesmo tempo em que fundamenta o sujeito". Ressaltamos que o fato de o *eu* designar a cada vez uma pessoa – aquela que dele se apropria – concretiza um ato que se instaura a cada vez que alguém enuncia e revela o instrumento linguístico que o arquiteta. Essa experiência *de* e *na* linguagem é que renova a possibilidade mesma do discurso.

A destruição da não presença em "Na terceira pessoa", de Mia Couto

Flores (2013a) destaca, de forma singular, que o princípio básico da teoria benvenistiana está ligado ao fato de que o homem é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem. Essa premissa está em "Da subjetividade na linguagem". Sublinhamos:

Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (2005d, p. 285).

Essa subjetividade, trazida no texto de 1958, não ocorre *a priori*, pois é "*na* linguagem e *pela* linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego" (BENVENISTE, 2005d, p. 286, grifos do autor). Esse *savoir-faire* do homem em constituir-se sujeito pela

linguagem é que nos interessa neste momento que passamos a olhar a subjetividade, competentemente construída, forma a forma, na narrativa de Mia Couto. A genialidade do autor coloca-nos frente a um uso de língua que nos traz a experiência da subjetividade, por isso humana.

O domínio da subjetividade: a narrativa

O conto "Na terceira pessoa", de autoria de Mia Couto, faz parte de uma coletânea de histórias breves escritas e compiladas pelo autor em um livro batizado de Na berma de nenhuma estrada, lancado no Brasil em 2015. Trata-se de um conto curto que, fisicamente, ocupa cerca de 4 das 194 páginas de toda a publicação e apresenta apenas duas personagens, Dona Salima e o marido. Embora tenha um narrador onisciente, a história é contada a partir do ponto de vista da personagem masculina, que em momento algum da trama é designada por um nome próprio, sendo identificado apenas pelos substantivos - que se revezam na sinonímia requerida pela construção textual - marido, homem e esposo.

Esse marido é apresentado como um homem capaz de "inconfessadas sujeiras" e que chega em casa, desalinhado, "a masculinas horas da noite". Tais descrições permitem que o leitor compreenda a personagem masculina da história para além daquilo que é evidenciado pela

narrativa, uma vez que esta, devido ao espaço reduzido do conto, carece de contexto. Descobrimos, de início, que Dona Salima já é casada e que já trata o marido na terceira pessoa. Com o andamento da leitura, verificamos que a personagem masculina não apenas se resigna à "loucura" da esposa como também a estimula, com o intuito de obter carinhos que seriam sonegados ao "desatinado" esposo de quem ela se queixa. O jogo continua até que, ao final do conto, a duplicação enunciativa se torna uma duplicação física e Dona Salima assassina o marido impessoalizado.

Uma breve análise da frase de abertura do texto já torna possível verificar um enfraquecimento da subjetividade daquele que se anuncia como um dos interlocutores de um texto que apresenta, inclusive, diálogos marcados por travessões. Ao introduzir o conto com a frase "Dona Salima tratava o marido na terceira pessoa", o narrador coutiano oferece pistas do que será encontrado ao longo da leitura. A personagem feminina conta com uma identidade própria, que vai além das designações genéricas por meio das quais também é tratada - mulher, esposa –, enquanto que à personagem masculina só é permitido "ser" em relação à existência de Dona Salima. A personagem masculina é, apenas e tão somente, "o marido" de alguém.

Mas é quando a mulher se enuncia pela primeira vez que o princípio fundamental do conto fica claro e que seus protagonistas adquirem dimensão dentro dele. Se, de acordo com Benveniste (2005d, p. 286), a "consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste", mesmo a personagem nomeada, dotada, portanto, de uma identidade, somente se constitui em pessoa quando faz uso da palavra para se dirigir a um "tu" aparentemente já apresentado pelo narrador:

O homem chegava, a masculinas horas da noite, e ela se levantava, olhos foscos a espreitar o corredor. Quando o marido se apresentava, ela lhe sussurrava:

- Ele já chegou!

O homem, cúmplice, aceitava ser nomeado como um terceiro. Se convertia, assim, em ausente e outro (COUTO, 2015, p. 175).

Ao fazer uso da palavra para anunciar "Ele já chegou!", Dona Salima torna-se o que Benveniste (2005d, p. 286) chama de "sujeito constituído na e pela linguagem" e estabelece um "tu" inusitado, aliada ao qual será capaz de transformar o marido da narrativa em "ausente e outro", em uma não presença. A personagem feminina se converte em pessoa não no espaço de interação discursiva estabelecido entre ela e o homem com quem é casada, o marido citado no início do conto, mas entre ela e um "outro", cuja existência, embora antecipada pela narrativa - "tratava o marido na terceira pessoa" -, ainda não havia encontrado correspondência entre as marcas linguísticas do texto.

Uma dessas marcas linguísticas pode ser encontrada nos pronomes "lhe" e "ele", que, aqui, atuam como o ponto de separação entre o "marido" apresentado pelo narrador e o "marido" que surge por meio da enunciação de Dona Salima. Dirigindo-se ao homem recém-chegado, a personagem feminina, pela primeira vez no tempo da narrativa, impessoaliza o marido e o separa, por meio de sua enunciação, da personagem introduzida pelo narrador. Agora, interlocutor e marido são duas pessoas diferentes, e o segundo, carregando a marca da não pessoa "ele", torna-se aquele de quem se fala: "Já na penumbra do quarto, prosseguiam falando dele como se um outro fosse, estranho aos dois" (COUTO, 2015, p. 176).

Entretanto, é preciso que se examine mais de perto a subjetividade de Dona Salima, para que seja possível perceber a extensão da anulação linguística operada pela personagem de Mia Couto em relação ao homem com quem é casada. Embora não fique claro, em momento algum do conto, a real dimensão das faltas do marido, uma passagem, em especial, oferece um retrato contundente do que essas representam para a esposa:

Ele passava o braço por sobre o ombro arqueado dela, poente sobre a telha gasta da casa. Toda ela era suspiro, o cansaço das mulheres todas de todos os tempos. As pálpebras limpam os olhos de poeiras. Que pálpebras limpam as poeiras do coração? (COUTO, 2015, p. 175).

Quando o narrador coutiano afirma que o cansaço de Dona Salima é "o cansaço das mulheres todas de todos os tempos", ele amplia a subjetividade da personagem feminina e oferece uma base histórica para seus sofrimentos. A ausência e a provável infidelidade do marido associam-se ao modo como este lida com a própria impessoalização enunciativa:

O sorriso na esquina de sua boca confirmava: não é homem verdadeiro quem não sabe usar a lágrima de mulher como um trapo em que enxugamos nossas inconfessadas sujeiras. Assim pensava ele, macho vitorioso naquele jogo de a si mesmo se estranhar. A mulher estava desgastada no miolo, tirasse ele o devido proveito dessa loucura (COUTO, 2015, p. 176).

A personagem masculina aceita ser tratada na terceira pessoa porque apenas assim pode restabelecer a conexão – linguística e física – com a esposa e voltar a se sentir o "macho vitorioso", que oprime a fêmea dentro do espaço matrimonial. Apenas assim, aquiescendo à "loucura" de Dona Salima, e estranhando a si mesmo juntamente com ela, o marido pode resgatar sua identidade dentro do casamento, mas não dentro do universo ficcional da narrativa.

Apesar de ser narrado a partir do ponto de vista da personagem masculina, o conto não permite a ela qualquer identidade para além daquela que é oferecida pela mulher. Mesmo quando faz uso da palavra para se enunciar, o marido o faz apenas para responder às queixas e acalmar os ímpetos de Dona Salima. Quando se converte em "tu", na fala de Dona Salima, há nova perda identitária para o homem, pois ele já não é sequer um marido em relação a uma mulher. Não há jamais a presença de um vocativo ou qualquer elemento que identifique esse interlocutor, que se torna alguém cuja existência está rigorosamente circunscrita à enunciação do outro. Nesse sentido, a personagem masculina, assim como o narrador, existe apenas para assegurar a subjetividade da personagem feminina. Em se tratando de subjetividade, poderíamos questionar se, nessa relação, a correlação de pessoalidade poderia se construir. Como poderíamos vislumbrar uma reversibilidade desse tu, que está diante de Dona Salima, em eu que não se enuncia (com/para ela), mas está ali? Teríamos uma outra enunciação num diálogo que não se pronuncia, mas está ali?

Ao final do conto, após o desfecho fantástico e violento no qual Dona Salima assassina o "marido-ele" diante do "marido-tu", o narrador coutiano se volta para a interioridade da personagem feminina, uma vez que já não pode se valer do ponto de vista de uma personagem que não mais existe:

Só ela sabe, dentro de seu luto: tudo é tudo em boca de todos. Essas vozes, além da gente, pouco lhe importam. Que a ela sempre lhe couberam enganos. Quem não errou, desta vez, foi sua viuvez. E assim, carente de esposo, nunca ela foi tanto pessoa. E essa pessoa ninguém mais a rouba de si (COUTO, 2015, p. 178).

Ao inventar para si um interlocutor, Dona Salima transforma o marido em confidente e cúmplice da própria morte. Como mulher, cuja existência gravita em torno da existência masculina, à personagem coutiana só é possível destruir o homem infiel e opressor, que lhe provoca sofrimentos e lágrimas, transformandoo, por meio da apropriação da língua no ato enunciativo, em uma não pessoa, em uma não presença.

O lugar da não pessoa no tempo da língua: dois diálogos

A subjetividade que se fundamenta pela linguagem torna-se clara por meio do exame de dois dos diálogos travados entre Dona Salima e o marido no decorrer da narrativa de Mia Couto:

- Um dia lhe faço ver a estrela.
- Deixe-lhe lá, Dona Salima. Deixe-lhe, é melhor assim...

[...]

- Nem o senhor sabe o que esse homem me desvale...
- Lhe deixe, Salima, nem merece dedicação de tristeza... (2015, p. 175).

A subjetividade da personagem feminina é evidenciada, no primeiro diálogo, pelo verbo "fazer" conjugado na primeira pessoa. Se, para Benveniste (2005b, p. 250), "a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessários do verbo", é por meio deste que Dona Salima se propõe como sujeito do próprio discurso. E é essa subjetividade determinada pelo status linguístico, essa tomada de lugar enunciativo, que permite que se estabeleça a intersubjetividade. Trata-se, ainda de acordo com Benveniste (2005d, p. 286), do "ego' que diz ego". Dirigindo-se ao seu interlocutor, a personagem feminina do conto se designa como "eu" de sua enunciação, em relação ao "tu" ao qual direciona seu discurso.

O pronome "lhe" marca, tanto na fala de Dona Salima quanto na resposta de seu interlocutor, a não pessoa, aquele de quem se fala. Se a característica da reversibilidade entre o "eu" e o "tu" da enunciação assegura o lugar único e privilegiado das pessoas do discurso, também relega o "ele", que não participa dessa reversibilidade, à condição de não presente na instância discursiva, da qual não passa do assunto/objeto do diálogo:

É preciso ter no espírito que a "terceira pessoa" é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocução. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa como "não pessoa". Esse é o seu *status*. A forma ele... tira o seu valor do fato que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por "eu" (BENVENISTE, 2005d, p. 292, grifos do autor).

O "eu" que se enuncia, ora na fala da personagem feminina ora na da masculina, confere ao "ele" o que Benveniste chama de "status" de não pessoa, porque o situa fora da alocução. Aqui fica clara a distinção entre o "marido" apresentado pelo narrador do conto e o "ele" que surge no espaço de intersubjetividade entre Dona Salima e seu interlocutor, uma vez que o primeiro é personagem, possui existência no universo ficcional, enquanto o outro não passa da ausência a qual os interlocutores aludem. A partir do momento em que um "eu" se marca no discurso, automaticamente, instaura-se um "tu" e ambos, juntos, no espaço intersubjetivo da enunciação, empurram o ele para a condição, distanciada, de não pessoa.

Ainda no primeiro diálogo, há uma temporalidade marcada na fala da personagem feminina. Quando enuncia "Um dia ainda lhe faco ver a estrela", Dona Salima faz uso da língua para marcar o presente de sua enunciação e fazer uma ameaca, que situa no campo das possibilidades futuras. Para Benveniste (2006a, p. 79), a temporalidade linguística é centrada no presente e não pode se deslocar para passado ou futuro senão por meio dos signos "ontem" e "amanhã". ainda que estes, "levados a um grau mais distante em sua ordem", façam referência à distância de dois ou três dias para trás ou para a frente. Porém, a marca temporal que aparece na fala da personagem coutiana é de outra natureza. Ela alude, sim, a um futuro cuja referência é o momento presente da enunciação, mas a um futuro cuia fórmula discursiva "um dia" torna tão possível quanto longínquo.

O segundo diálogo é importante por duas razões. A primeira está no uso, por parte de Dona Salima, dos termos "o senhor" e "esse homem", que marcam, respectivamente, o interlocutor de seu discurso e aquele a quem ele se refere. Por meio do primeiro termo, que poderia ser substituído por "você" – ou por "tu" –, a personagem feminina, de certa maneira, introduz no discurso, por meio do qual deseja anular o marido como pessoa, o respeito que lhe deve enquanto esposa. Além disso, em conjunto com o segundo termo, "o senhor" estabelece definitivamente a "relação viva" do locutor, do "eu" com o outro, a única "pessoa imaginável" enunciativamente (BENVENISTE, 2005b, p. 255). É no segundo diálogo que ficam evidenciados os lugares ocupados pelas pessoas e pela não pessoa da enunciação no universo narrativo do conto.

Ao dizer "o senhor não sabe o que esse homem me desvale", a personagem atualiza as pessoas na instância do discurso que descreve um acontecimento - ou um sentimento. É no tempo da fala que Dona Salima se dirige a um interlocutor suficientemente fictício para que possa confidenciar-lhe o desejo - conquanto vago e deslocado para "um dia" - de assassinar o marido. Entre "o senhor" e "esse homem", há, mais do que a distância criada enunciativamente entre pessoa e não pessoa, uma diferença semântica e social, uma vez que o primeiro refere-se a alguém em específico e alguém a quem o "eu" deve respeito e consideração; já o segundo, por não remeter a ninguém em particular, pode remeter a qualquer um, inclusive a um homem merecedor da morte.

Sabemos que muito poderia ser dito ainda desse texto de Mia Couto: por que não dizemos então? Porque a literatura traz enunciações que calam qualquer perspectiva de análise; porque Mia Couto escolhe e combina formas com um talento que escapa à possibilidade de concretizar certezas de sentidos construídos; porque a subjetividade construída nesse eu, que se propõe como sujeito, diz mais do que nós podemos afirmar nesta análise; porque talvez tenhamos mais de uma enunciação nesse conto, em níveis diferentes de análise; porque a condição de pessoalidade

construída (ou não, ou desvelada, ou pressuposta) entre as personagens do conto é mais significativa que nossa leitura pode alcançar; porque o tu instituído pelo eu narrador traz um ele que talvez seja mais que uma não pessoa — aquela de quem se fala —em um conto genialmente construído, em uma enunciação temporalmente presente, que se fixa nas entranhas do seu leitor, emudecendo-o. Ficaremos por aqui. Os questionamentos ficam como propostas para novas análises.

Considerações finais

No início de seu livro sobre a teoria enunciativa de Benveniste, Valdir Flores (2013a, p. 21) alude ao fato de que é preciso, antes de lançar-se à empreitada de estudá-la, fazer recortes na obra do teórico francês; recortes que não apenas viabilizam o desenvolvimento de uma pesquisa, mas que também respeitam a amplitude de uma obra que vai, ou que pode ir, muito além de discussões linguístico-discursivas. Foi isso que procuramos fazer, definindo como recorte teórico os textos benvenistianos que tratam da subjetividade e do lugar da não pessoa na língua.

Examinar um objeto literário, qualquer que seja ele, demanda já um recorte difícil de ser feito, porque o que quer que seja escolhido como *corpus* – um romance, uma peça de teatro, um conto ou um poema – de certa maneira representará, dentro do estudo proposto, aquilo que denominamos, não raro de maneira um tanto generalizante, de literatura. Dessa

maneira, escolhemos o conto "Na terceira pessoa" tanto por sua temática quanto por sua estrutura, assim como pelo lugar que seu autor ocupa no panorama literário da atualidade. Mia Couto é um dos principais representantes da jovem e incipiente narrativa luso-africana, e seus textos já circulam amplamente entre os brasileiros.

Definidos o recorte teórico e o corpus de análise, definimos, em seguida, uma metodologia que nos permitisse examinar aspectos enunciativos em consonância com determinados aspectos literários do texto. A subjetividade enunciativa da personagem Dona Salima foi evidenciada tanto pelas marcas linguísticas de sua própria enunciação quanto pelo papel desempenhado por ela ao longo da história. A personagem feminina da obra coutiana propõe-se como "eu" do discurso, instaura um "tu" fictício e, por meio do diálogo com este, empurra o marido para a condição de não pessoa, passível de ser ignorada e, até mesmo, destruída.

Em O prazer do texto, Roland Barthes (2015, p. 73) afirma que, cada vez que analisamos um texto que nos deu prazer, é nosso "indivíduo" e não nossa "subjetividade" que reencontramos. É o "corpo de fruição", com toda sua bagagem histórica e social, que retorna ao texto. Foi com esse espírito que retornamos não apenas ao conto do autor moçambicano, mas também a um dos três textos que nos serviram como aporte teórico. Em "Da subjetividade na linguagem", estudo que contém a famosa afirmação de que é já um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. Benveniste (2005d) oferece uma base teórico-metodológica capaz de

comprovar que é na língua que está o princípio básico da vida humana de que não há existência possível sem o outro.

Por fim, reafirmamos com veemência que a teoria enunciativa de Benveniste pode se tornar uma aliada nos estudos literários, sobretudo por oferecer bases para uma análise que implique, necessariamente, as marcas linguísticas de um locutor, de um narrador ou de um sujeito lírico que, nas palavras de Michel Collot, "não pode se exprimir senão por essa carne sutil que é a linguagem" (2013, p. 223). Se, como quer Benveniste, a linguagem já está posta na natureza do homem, esse mesmo homem já está posto na natureza da literatura, e uma e outra são perfeitamente relacionáveis entre si.

The non-presence in "Na terceira pessoa", by Mia Couto: an enunciative study

Abstract

The purpose of this reflection is to propose an enunciative reading of one of Mia Couto's short stories, published in the book Na berma de nenhuma estrada. Based on theoretical assumptions of Enunciation Linguistics, according to Émile Benveniste, presented mainly in his work Problemas de Linguística Geral I (2005), this paper discusses the subjectivity in language and the categories of person and non-person in the tale "Na terceira pessoa". This tale tells the story of Dona Salima, a woman who treats her husband in the third person, confiding to an imaginary "you" the disillusionments provoked by a cheating and oppressive "he". Based on this assumption, and considering the oppositions verified by Benveniste between 1st and 2nd persons, as well as between these and the 3rd person, in an enunciative situation, we propose a linguistic-enunciative analysis of the tale, emphasizing the subjectivity and the intersubjectivity, the categories of person and non-person and their implications in the construction of meaning in the story by Mia Couto. The methodological procedures adopted here consist of examining the linguistic marks left by the author, exemplifying in the proposed analysis that, to become a person, the female character, when enunciating, impersonalises the husband, turning him into a non-presence, which can be ignored and even destroyed.

Keywords: Enunciation. Subjectivity. Intersubjectivity. Non-person. Tale.

Notas

- Flores (2013b, p. 119) faz uma reflexão importantíssima sobre essa distinção "posta e pressuposta" em Benveniste, trabalhando com o termo sujeito nas suas diversas ocorrências principalmente em sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Após um detalhamento teórico e uma leitura singular das reflexões de Benveniste e de alguns de seus leitores, como Aya Ono e Claudine Normand, o pesquisador aponta para um sujeito da enunciação que "não está na origem da enunciação; ele advém da enunciação". Uma leitura atenta e cuidadosa de Flores (2013b) faz-se necessária para entender essa questão.
- Em Introdução à teoria enunciativa de Benveniste, Valdir Flores (2013a) alude ao fato de que a tradução brasileira do francês corrélation de personnalité para "correlação de personalidade" pode permitir a confusão entre um termo que Benveniste pretendia que fosse percebido como pertencente ao campo do linguístico com uma designação mais comumente relacionada à psicologia. Com o intuito de evitar essa potencial ambiguidade, o pesquisador cria o neologismo "pessoalidade". Contudo, por uma questão de respeito a nossa referência de base, optamos por manter aqui a tradução original.

Referências

BARTHES, Roland. O prazer do texto. 6. ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015. BENVENISTE, Émile, Categorias de pensamento e categorias de língua (1958). In: . Problemas de linguística geral I. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005a. p. 68-80. . Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: _____. Problemas de linguística geral I. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005b, p. 247-259. __. A natureza dos pronomes (1956). ____. Problemas de linguística geral I. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005c. p. 277-283. . Da subjetividade na linguagem ____. Problemas de linguística (1958). In: geral I. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005d. p. 284-293. . A linguagem e a experiência humana (1965). In: _____. Problemas de linguística geral II. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006a. p. 68-80. . Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968). In: _____. Problemas de linguística geral II. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006b. p. 93-104. COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Revista Signótica, Goiás, v. 25, n. 1, p. 221-241, jan./jun. 2013. COUTO, Mia. Na berma de nenhuma estrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. FLORES, Valdir do Nascimento. Introdução à teoria enunciativa de Benveniste. São Paulo: Parábola, 2013a. . Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. Delta Disponível em: http://www.scielo.br/readcube/ epdf.php?doi=10.1590/S0102-445020130 00100005&pid=S0102-4450201300010000 5&pdf path=delta/v29n1/05.pdf&lang=pt. Acesso em: 11 jun. 2016., v. 29, n. 1, p. 95-120, 2013b. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

Anexo

Na terceira pessoa, de Mia Couto

Dona Salima tratava o marido na terceira pessoa. O homem chegava, a masculinas horas da noite, e ela se levantava, olhos foscos a espreitar o corredor. Quando o marido se apresentava, ela lhe sussurrava:

- Ele já chegou!

O homem, cúmplice, aceitava ser nomeado como um terceiro. Se convertia, assim, em ausente e outro. Se achegava à mulher para escutar as terríveis ameaças contra ele próprio.

- Um dia lhe faço ver a estrela.
- Deixe-lhe lá, Dona Salima. Deixe-lhe, é melhor assim...

Ele passava o braço por sobre o ombro arqueado dela, poente sobre a telha gasta da casa. Toda ela era suspiro, o cansaço das mulheres de todos os tempos. As pálpebras limpam os olhos de poeiras. Que pálpebras limpam as poeiras do coração?

- Nem o senhor sabe o que esse homem me desvale...
- Lhe deixe, Salima, nem merece dedicação de tristeza...

Já na penumbra do quarto, prosseguiam falando dele como se um outro fosse, estranho aos dois. Depois se deitavam, o marido mantendo fingimento de visitante. E sempre o outro sendo o motivo, a queixa, a lágrima.

Sendo que quanto mais ela se adoçava ao gesto dele, menos ele era o marido próprio, todo emparalelado com ela, o quente dele no resvalo do calorzinho dela. O amor é deitar o fogo para apagar a água?

Salima, a par e laço, amolecia sua fúria enquanto confessava as raivas que sentia pelo desatinado respectivo. O homem se entrechegava e lhe desenhava umas quantas carícias nas flores da pele. Os dois corpos se igualavam, água e chuva. Se uniam os dois lados da noite. Depois dos amores, ela vinha à janela e espreitava o escuro.

- Sabe? Assim, vista pelas coisas, até já lhe perdoei.

O marido, fumando no leito, enrolava a língua de satisfeito. Lhe parecia escutar os galos, desempregados porteiros da madrugada. Sempre é assim: os astros iluminam a noite, as aves iluminam o dia.

O sorriso na esquina de sua boca confirmava: não é homem verdadeiro quem não sabe usar a lágrima de mulher como um trapo em que enxugamos nossas inconfessadas sujeiras. Assim pensava ele, macho vitorioso naquele jogo de a si mesmo se estranhar. A mulher estava desgastada no miolo, tirasse ele o devido proveito dessa loucura.

Certa vez, quando ele galgava a meia-noite, a mulher esperava-o com uma catana. O homem estremeceu ao ver o rebrilho da arma nos nervos da mulher.

- Isso... mulher, aliás, Salima...
- − Isso o quê?
- Essa catana é para quê?
- Para lhe espetar a pança dele.
- Do seu próprio marido?

E ela: que ele nem era seu marido. Um ordinário que merecia nem a consideração de morte marcada. Ele acenou afirmativamente. Pensou ser prudente concordar. E até lhe encorajou a razão: que aquilo que o fulano lhe fazia, por teimosia da ausência, já era de mais. O marido, sim, repisava o risco. Mas ela ponderasse: fizesse contas à morte, antes do crime. Dona Salima, porém, escutava para não ouvir. O marido que ousasse entrar, porta adentro, e se veria quantas gotas tem um sangue.

E ficaram sentados, os dois, encarando a porta que demorava em se abrir. Passou o tempo, amainou-se o peito. O home sorriu, mais tranquilo e consolado pela loucura de sua mulher. Nem louca sabe ser, disse de si para seus silêncios.

Se ajeitou na cadeira e até adormeceu. Despertou depois, com um ruído na porta. Se consumou num espanto: ali, abrindo a porta, era ele mesmo que entrava, camisa amarrotada, cabelos em desalinho. Esse ele, surpreso, ainda ergueu o braço quando viu, em fulminância de relâmpago, a veloz catana de encontro a seu corpo.

Agora, no bairro, diz-se: morreu-lhe o marido e o outro, igualmente marido. Erro de gramática? Lacuna de juízo de Dona Salima? Ninguém sabe ler o pensamento dela enquanto se passeia, tranquila e solene, sorrindo para as vizinhanças. Parece até incumbida de nova alegria.

Só ela sabe, dentro de seu luto: tudo é tudo em boca de todos. Essas vozes, além da gente, pouco lhe importam. Que a ela sempre lhe couberam enganos. Quem não errou, desta vez, foi sua viuvez. E assim, carente de esposo, nunca ela foi tanto pessoa. E essa pessoa ninguém mais a rouba de si.